

RESENHA

Véio – A imaginação da madeira

Rosângela de Souza Santos¹

VÉIO: A imaginação da madeira. Direção: Adelina Pontual. Produção de Chica Mendonça, João Vieira Júnior e Nara Aragão. Nossa Senhora da Glória/Se. 2005.²

O documentário consiste em apresentar alguns fatos da vida e obra de Cícero Alves dos Santos, conhecido como “Véio”, artista plástico, natural da Cidade de Nossa Senhora da Glória município do Estado de Sergipe, cidade com 85,97 Km de distância da capital Aracajuana. No sítio Sóarte, localizado na BR206, entre os municípios de Nossa Senhora da Glória e Feira Nova.

Dirigido por Adelina Pontual³, as imagens foram produzidas no sítio Sóarte onde o artista sergipano reside e em locais próximos, também propriedade de Cícero Alves. Ao longo do filme se percebe que as peças do acervo pessoal estão em toda parte, pois são produzidas *in loco*. A medida que Cícero Alves conta sua história e relata o sentido de algumas peças, de como as interpreta, o documentário é realizado, aproveitando as imagens do acervo e dos arredores da localidade. As cenas foram gravadas com fundo de instrumentos como o violoncelo, a zabumba, o triângulo, a sanfona e

¹ Esp. em Escola e Comunidade e graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Sergipe/UFS. E-mail: rosousan@hotmail.com

²O documentário teve apoio da Lei de Incentivo à Cultura/MEC/Governo Federal, incentivo da Funcultura/Pe./Petrobras e produzido pela Chá Cinematográfico/REC/Produtores Associados, divulgação: Galeria Estação, Itaú Cultural. Disponível no https://www.youtube.com/watch?v=nssgfaeXINo&ab_channel=GaleriaEstação, acesso em, 10/11/2020.

³ Diretora, Roteirista, Continuista, da cidade de Recife Estado de Pernambuco. É “Mestra em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (2019), onde se graduou em Comunicação Social (1986), estudou cinema na Escuela Internacional de Cine y Televisión (EICT), em Cuba, com especialização em montagem (1991). Curtametragista e diretora de documentários para televisão realizou, entre outros trabalhos, os curtas Cachaça (1995), O Pedido(1998), Véio (2005) e Retrato (2012). Informações coletadas da Plataforma Lattes em 24/11/2020.

a gaita etc. Em sequência o artista vai abordando temas em que o interlocutor é a própria câmera, isso aproxima o artista de quem assiste o documentário.

O Vídeo documentário inicia com Cícero Alves dos Santos se apresentando, nos dizendo como ficou conhecido pelo apelido de “VÉIO”. Conta que por conviver com pessoas idosas e gostar de ouvir suas histórias, causos e lendas, o nome de Véio tornou-se mais forte que de Cícero, pois é assim que até os dias de hoje, é conhecido. Para ele, ouvir os idosos trouxe-lhe além de imaginação, inspiração e sonho. Nos diz que seu objetivo foi desenvolver “um trabalho por amor a profissão, um trabalho por inspiração, por respeito ao passado de um povo, por ter uma história da arte esquecida em um Estado onde não é valorizada a cultura”⁴.

Ele narra que não teve acesso a produção artística, não observou alguém fazer, mas nasceu com o fascínio pelas coisas antigas e seu universo. Sua produção não foi iniciada para se tornar artista, nem por necessidade, era algo que vinha de sua imaginação. Cícero mostra uma área de mata aberta, localizada no povoado Lagoa dos Porcos, parte do cenário de gravação, e para ele, uma região supersticiosa, onde predomina causos da “Caipora”⁵. E apresenta uma peça esculpida na madeira da representação da Caipora, com cabelos e pontas. Um imaginário popular que o povo temia e respeitava. Em seu imaginário, a Caipora, se encontra no mato, onde o sertanejo tem respeito e crença de que ainda existe, para proteger os animais e assombrar o caçador.

O artista demonstra através de sua arte, suas preocupações no que diz respeito a diversidade e a vida dos povos indígenas, quando nos fala de uma peça esculpida a figura de um índio e relata sua concepção sobre a realidade dos povos indígenas no Brasil. Para ele a obra traduz, o índio que aparece nu, com lágrimas no rosto, e só, com seu corpo pintado para enfrentar uma luta, uma guerra, podendo ficar todo pintado em azul, preto ou branco. Sua luta é diária por se encontrar deficiente, doente e abandonado. Assim, todos os dias é dia do índio, e somente no dia 19⁶ ele é lembrado em comemoração escolar, sem que se saibam do real significado da vida desse representante brasileiro.

⁴Palavras na íntegra de Cícero Alves dos Santos no Documentário: Véio - A Imaginação da Madeira, 2005.

⁵Habitante do mato. Espírito da floresta que protege a caça e reina sobre os animais (Larousse, 2009).

⁶O dia do índio é celebrado, nos países americanos, em 19 abril. Essa data foi escolhida em 1940, no Primeiro Congresso Indigenista Interamericano. Disponível: <https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/19-abril-dia-Indio.htm>. Acesso em, 12/01/2021.

No que se refere a inspiração, relata que a “inspiração nasce da visão”, a partir do momento que avista uma árvore, ele percebe o tipo de escultura que pode extrair dela, qual a sua história. Num tronco fechado⁷, cria de acordo com o que se inspira naquele instante, consegue enxergar a obra, quando os troncos são curvados, e quando não são, se necessário faz as curvas e dá a forma.

No que diz respeito ao meio ambiente, o artista conta que não desmata, ele aproveita os troncos de madeira morta e dessa maneira, dá-lhe a vida, para que sejam apreciados através de sua nova forma. Ele mostra um tronco de uma árvore chamada Barriguda⁸, tipo de árvore que nasce no sertão, sua madeira não é resistente, e que foi autorizado a amputá-la por estar em local de perigo: entre rede elétrica.

Das peças que estão em seu acervo, no sítio Sóarte, o artista mostra àquela que tem a sua marca, seu pensamento, sua maneira de enxergar a vida. É um objeto artístico em miniatura esculpida na madeira, com imagem de uma pessoa sentada numa pedra com um livro aberto em mãos. Ao interpretá-la, ele dá o nome de “Filósofo”, e diz, que aqueles que o apreciam observam logo que o filósofo está sentado sob uma pedra e lendo um livro sem páginas, sem letras, sem figuras, sem título e sem ser de papel. Na opinião de Cícero Alves ele tem o “dom”⁹ de criar e a partir da imagem é subjetivo para quem aprecia.

A leitura para ele, é a interpretação de variados pensamentos, assim como cria imagens e os apreciadores a interpretam. Dá exemplo de dois poetas ilustres Castro Alves (1847 -1871) e Tobias Barreto (1839 – 1889). E cita o primeiro quando declama: “Auriverde pendão da minha terra, que a brisa do Brasil beija e balança. Estandarte que a luz do céu se encerra e as promessas divina de esperança” (ALVES, 2005). Devido a essas variações de saberes e conhecimentos que a leitura exige, talvez tenha sido esse o motivo de não ter desenvolvido o gosto pela leitura.

Em outro momento Cícero Alves mostra uma peça esculpida a canivete e a olho nu, ele faz observações de que produz objetos artísticos de vários tamanhos e retira uma cobertura transparente arredondada que está sob ela para que seja observada da melhor maneira. E a interpreta como uma imagem que traz um determinado ambiente, como de um bar, local de diversão. Ali ele representou

⁷ Sem presença de ramificações.

⁸ Barriguda, ou paineira-branca um caule espécie do género Ceiba. Site consultado <http://www.bioorbis.org/2016/04/voces-conhecem-barriguda.html>. Acesso em: 28/11/2020.

⁹ Dádiva, presente. Dote natural. Capacidade, habilidade (Larousse, 2009).

o modo de vida de quem bebe acompanhado ou sozinho. Ao redor de uma mesa, encontra-se os bêbados, as garrafas, o jogo de sinuca. O homem que frequenta pode ser um vaqueiro, um pecuarista, o que amanhece o dia no curral a tirar o leite de vaca; e quando vai à cidade, ele procura tomar um “pileque”, e fica sem forças para retornar a sua casa.

Na cena seguinte detalha um outro objeto artístico, feito de palito de fósforo e mostra nele a imagem de uma onça, uma pessoa e uma cobra. Ou seja, a pessoa está entre a onça e a cobra. Em outro, ele mostra a imagem de uma onça e um homem em fuga. São peças em miniaturas, ele afirma que quem aprecia arte não existe tamanho e nem peso, mas o fundamental é a criatividade, a simplicidade, e o sentimento é a forma de expressão.

Em se tratando do sonho, destaca o desejo de ser um palhaço, pois foi uma das imagens que teve na sua infância no ano de 1958, quando assistiu o seu primeiro espetáculo de circo que foi instalado no sertão. Era um palhaço com pernas-de-pau o qual divulgava a chegada do circo. No circo, se encantou com o palhaço de picadeiro, pois ele fazia a plateia sorrir e sentia a sensação de felicidade estampada no rosto das pessoas. Para Cícero Alves a profissão de artista é como se fizesse parte de um elenco de palhaços da arte, sem pintar o rosto, sem fazer piadas. Pois a arte fala por ele em todos os momentos.

Apresenta o seu “universo das artes”, denominado por ele por conter naquele espaço cenas feitas com esculturas, em que cada peça tem uma história, uma função. Nesse espaço observa-se que o artista trouxe algumas preocupações sociais, em se tratando da cultura sergipana. Ele apresenta entre as cenas a figura de um político e na sua concepção, esse político, aparece maquiado, com gravata, cores, não muito simpático, mas tenta agradar. Seus eleitores, são seus conterrâneos. Após período de eleição, seu rosto se transforma, fica diferente, com cicatrizes, corrompido, destruído. Esse é o político das árvores. O político verdadeiro não se sabe, se é idêntico.

Em outra figura, em que denomina “o enterro da cultura”, percebe-se uma urna pintada com várias cores e embaixo dela tem uma mala. O artista a interpreta como aqueles que têm cultura, conhecimento, saberes como patrimônio adquirido e quando a pessoa morre, esses conhecimentos vão junto. A mala significa a cultura. E ao longo da cena, é vista a viúva, que adere o luto, ela está de braços erguidos, pois apela para não enterrarem o que traz benefício para a comunidade, pois o homem é um ser cultural.

O artista mostra uma peça natural, moldada pelo tempo, foi colocada ali, devido o sentimento que tem pelas árvores. É um tronco de cajueiro, que Cícero Alves interpreta como na sua verdura, deu frutos, sombras, sonhos, amores. Onde os pássaros faziam seus ninhos, as crianças comem seus frutos e as folhas fazem seu bailado. Hoje, é um tronco visto como morto, não é reconhecido, sequer lembrado.

Para ele, os seres humanos são assim: nascem, crescem, produzem, tem apoio, sentido e depois morrem, viram pó como o cajueiro. Pois nenhuma pessoa é eterna, assim como o cajueiro.

Nessa série de depoimentos, observei que entre alguns fatos da vida e obra do artista não há uma sequência de temas que estabeleça uma cronologia de tempo e espaço de sua vivência, desde a infância a idade adulta. Mas, é possível perceber esses diferentes períodos.

Assim, quando Cícero Alves afirma que ao ouvir sobre ‘causos e lendas’, possivelmente serviu-lhe de ‘imaginação, inspiração e sonho’. Momento da infância, quando provavelmente sua imaginação transcende no criar e recriar, concretizando através dos objetos artísticos, as coisas antigas, preservando e trazendo a reflexão sobre fatos e lendas do folclore de sua localidade.

No livro o que é folclore, Brandão (2006, p. 45-46) nos diz que, “uma das características do fato folclórico é que ele se transmite a pessoa a pessoa, de grupo a grupo e de uma geração a outra, segundo os padrões típicos da reprodução popular do saber, ou seja, oralmente, por imitação direta e sem a organização de ensino-aprendizagem”.

Nesse sentido, o relato de Cícero Alves sobre a figura da Caipora nos mostra que a dinâmica folclórica é transformada ao longo do tempo conforme as tradições populares da localidade, e se integra ao contexto atual. E menciona o desejo de ser um palhaço lembrança que remete a cultura do circo passada de geração a geração, alegria e imaginação experienciadas na infância, onde o circo é uma atração cultural e social.

Na idade adulta, sua arte recria relações sociais, preocupações com a diversidade, e com o meio ambiente, segundo sua maneira de pensar, sentir e enxergar. Assim, se inspira e dá forma a madeira, matéria prima utilizada no processo de criação de seus objetos artísticos, é nela que são representadas as imagens na concepção da imaginação do artista.

Em se tratando da imagem Neiva Jr. (2006, p. 48), nos diz que “quando a relação entre imagem e coisa é imitativa, o suporte da representação funciona como um espelho devolvendo,

serenamente, a aparência do que é representado para o olhar”. No caso de Cícero Alves, ele enxerga na matéria prima a imagem que será concebida. Pois sua maneira de criar é diversa daquele que vê e logo representa o mais próximo do objeto referente.

Na minha opinião, o documentário evidencia a importância do artista no seu imaginário popular, quando transforma a madeira em forma, com imaginação e criatividade através da técnica do entalhe. Dessa maneira recicla a matéria prima, preserva o meio ambiente e faz refletir as relações sociais e culturais vivenciadas pelo homem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. Navio Negroiro. Companhia Editora Nacional. 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Folclore. São Paulo: Brasiliense, 2006

CARVALHO, Laíz Barbosa de. (co-autora). Novo Minidicionário Larousse da língua Portuguesa, 2009.

NEIVA Jr, Eduardo. A imagem. Ática. 1986.

SITES CONSULTADOS

<https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/19-abril-dia-Indio.htm>.

https://www.youtube.com/watch?v=nsgfaeXINo&ab_channel=GaleriaEstação

<http://www.bioorbis.org/2016/04/voces-conhecem-barriguda.html>.